

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Contribuições do pensamento deleuzo-guattariano para a filosofia da diferença na educação

Gabriela Schlichting Vieira Luckmann¹

gabri-schlichting@uniplaclages.edu.br

Universidade do Planalto Catarinense

Paola Duarte Pacheco Antunes²

pagotcha@uniplaclages.edu.br

Universidade do Planalto Catarinense

Jaime Farias Dresch³

prof.jaime@uniplaclages.edu.br

Universidade do Planalto Catarinense

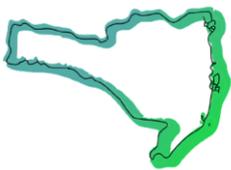
RESUMO.

O alvo de estudo desta pesquisa bibliográfica é a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari e sua interface com a educação. Busca-se romper com a tradição filosófica que se baseia em dualidades como sujeito/objeto, mente/corpo, razão/emoção. Em vez de pensar nesses conceitos como opostos, eles propõem uma concepção da diferença como produtiva, ou seja, como geradora de multiplicidades. Sua filosofia da diferença busca ir além das dualidades e hierarquias, propondo um pensamento não-linear e aberto. Essas concepções têm influenciado diversas áreas do conhecimento, como a filosofia, a psicologia, os estudos culturais e a educação. Outro conceito importante na filosofia da diferença é o “devir”. Deleuze e Guattari argumentam que tudo está em constante transformação e que a identidade é um processo dinâmico e contínuo. O devir é o movimento de transformação e criação constante, onde os sujeitos e objetos são entendidos como fluxos de intensidades em constante variação. Assim, a filosofia da diferença pensada na educação permite uma transformação no olhar, tanto do professor, como do aluno, em busca de novos conceitos, experiências e da valorização das diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Devir. Filosofia. Diferença.

ABSTRACT.

The aim of this bibliographic research is the philosophy of difference of Deleuze and Guattari and their interface with education. It seeks to break with the philosophical tradition that is based on dualities as



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



subject/object, mind/body, reason/emotion. Instead of thinking of these concepts as opposites, they propose a conception of difference as productive, that is, as generating multiplicities. His philosophy of difference seeks to go beyond dualities and hierarchies, proposing a non-linear and open thinking. These conceptions have influenced several areas of knowledge, such as philosophy, psychology, cultural studies and education. Another important concept in the philosophy of difference is "becoming". Deleuze and Guattari argue that everything is constantly changing and that identity is a dynamic and continuous process. Becoming is the movement of transformation and constant creation, where subjects and objects are understood as flows of intensities in constant variation. Thus, the philosophy of difference thought in education allows a transformation in the look of both the teacher and the student, in search of new concepts, experiences and appreciation of differences.

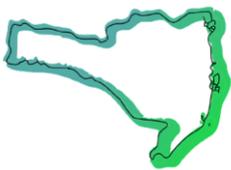
KEYWORDS: Education. Becoming, Philosophy. Difference

INTRODUÇÃO.

“[...] não é coisa minha, sentar e meditar
perdendo e contemplando o tempo
pensando pensamentos que não foram pensados
pensando sonhos que não foram sonhados,
idéias novas ainda não escritas,
palavras novas que seguiriam a rima...
e não ligo para as novas regras
já que elas ainda não foram fabricadas [...]”
Bob Dylan (citado em Deleuze; Parnet, 1998, p. 15).

O estudo apresenta uma “conversa”, que transcorre por meio de linhas escritas entre Deleuze e seus atravessamentos no campo da educação, ou seja, que está entre. Significa que não corresponde a um ou a outro, mas que de alguma forma, diz respeito aos dois. Apresentaremos, então, uma reflexão sobre a filosofia da diferença, segundo o olhar de Deleuze (2020) e Deleuze e Guattari (2020). Para isso, apresenta-se uma contextualização sobre o conceito de “devir”. Ainda que esta não seja uma tarefa simples, pois a filosofia da diferença compreende que a realidade é multidão, é um mundaréu de sentidos e leituras possíveis e não pode ser reduzida a simplificações binárias. Ela reconhece que cada ser humano é único em suas perspectivas e experiências, é “metamorfose ambulante” e, portanto, todas as coisas existem e atuam umas em relação umas às outras. É a negação de qualquer busca da essência, pois não existe “a” verdade oculta a ser encontrada atrás dos véus. Essa abordagem filosófica também desafia o pensamento estruturado, metodizado e ajustado aos valores e características de grupos que têm conduzido as formas de pensar há bastante tempo. A filosofia da diferença reúne pensadores/as que estudam formas de interpelar a epistemologia acadêmica, masculinista, branca, eurocêntrica, heterossexual, cisgênera, elitista, capacitista, conservadora e reacionária. É isso que este texto propõe, ser um espaço de ação para a “diversidade” enfim deixe de ser o lugar onde a sociedade nos esconde e possa parir todas as pessoas com as suas diferenças.

Escrevemos, então, algumas linhas, linhas de fuga, linhas de entendimento, linhas de intensidade e velocidade, linhas de territorialização e desterritorialização, ideias de Deleuze e Guattari, educação e até as nossas. É um tipo de escrita que busca pensar sempre, nunca descansando, incerta,



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



inquieta, indo e vindo. Escrever aqui é ligar a um devir. Sem começo, meio e fim, é algo inacabado, sem saber onde se vai chegar, porque é o que está no meio que é mais interessante, não o começo nem o fim (se é que existe fim).

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa bibliográfica foi utilizada como metodologia deste estudo, uma vez que sua finalidade era conhecer alguns conceitos filosóficos e explorar suas possibilidades no campo educacional. A investigação contou com a busca de trabalhos já publicados. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002, p. 44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dentre o material encontrado estavam artigos científicos, dissertações, teses, livros e capítulos de livro. Para este resumo, especificamente, foram selecionados livros e artigos científicos que tratassem mais especificamente de aspectos da filosofia da diferença deleuzo-guattariana que pudessem deslizar para práticas possíveis no campo da pesquisa educacional.

RESULTADOS.

Iniciamos contando um pouco sobre a vida de Gilles Deleuze e de seu companheiro Pierre-Félix Guattari, embasados em Dosse (2010). Gilles Deleuze foi um escritor e filósofo francês, nascido em 18 de janeiro de 1925, em Paris. Pierre-Félix Guattari nasceu em 30 de abril de 1930, em Villeneuve-les-Sablons/França, caçula de três irmãos. Em sua juventude, matriculou-se em um curso de farmácia. Logo após, não se sentindo feliz com sua escolha e depois de muito conversar com seu pai, resolveu entrar para o curso de Filosofia, na Sorbonne, onde foi fortemente marcado por Sartre e sua filosofia existencialista pós-guerra.

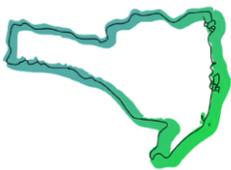
Em 1968, Gilles Deleuze e Félix Guattari se encontraram, ainda que nada levasse ao seu encontro, visto que vinham de mundos diferentes. Um era um filósofo reconhecido, que já havia publicado muitas de suas obras, o outro atuava no campo da psicanálise e das ciências sociais, administrador de uma clínica psiquiátrica e autor de alguns artigos. Segundo o jornalista Robert Maggior classificou, esse encontro foi *predestinad*: como essas duas galáxias acabam entrando em contato?” (Dosse, 2010, p. 13).

Segundo Dosse (2010), Jean-Pierre Muyard, foi o verdadeiro culpado por esse encontro, e em agradecimento, Felix Guattari lhe fez uma dedicatória na primeira obra comum entre ele e Deleuze, “O Anti-Edipo”: “a Jean-Pierre, o verdadeiro culpado, o indutor, o iniciador desta empreitada perniciosa” (Dosse, 2010, p. 13).

Juntos eles publicaram uma série de influentes literários, como os dois volumes de Capitalismo e Esquizofrenia, Anti-Édipo, Kafka, por uma literatura menor e Mil Platôs. Iremos nos deter nessa parceria, pois foi dela que emergiu o tema aqui abordado.

No que se refere à produção intelectual, em um texto de 1988, com o título “Resposta a uma questão sobre o sujeito”, Deleuze (2020) afirma que um conceito, em filosofia, tem infinitas funções, sejam elas intrínsecas, o que o autor intitula de variáveis interiores, os elementos próprios de cada sujeito, ou extrínsecas, as variáveis exteriores, ou seja, as experiências importantes, os estados das coisas, a situação a qual o conceito responde. Dito isso, ele nos coloca que não há necessidade de criticarmos um conceito, se esse já não responde às necessidades que surgiram e que pedem embates, é mais frutífero criarmos outro(s) conceito(s), para, assim, enfrentarmos os problemas que vivenciamos.

Dessa forma, uma contribuição das mais significativas de Deleuze para a filosofia da diferença é o conceito de “devir”, o qual aparece pela primeira vez no livro “Nietzsche e a Filosofia”, de 1962. Contudo, nesta obra, Deleuze está pronunciando o conceito de “devir” a partir de Nietzsche, segundo



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Zourabichvili (2004, p. 29), onde Deleuze afirma, devir é o conteúdo próprio do desejo, uma vez que desejar é passar por devires. Todavia, em 1975, no livro “Kafka, por uma literatura menor”, Deleuze e Guattari expõem o conceito como devir-animal, e desta forma foi enunciado:

Ao inumano das “potências diabólicas” corresponde o subumano de um devir-coleóptero, devir-cão, devir-macaco, “passar primeiro a cabeça, dando cambalhotas”, de preferência a abaixar a cabeça e permanecer burocrata, inspetor ou juiz e réu. Aí, ainda, não há crianças que não construam ou não experimentem essas linhas de fuga, esses devires-animais. E o animal como devir nada tem a ver com um substituto do pai, nem com um arquétipo [...] Os devires-animais são exatamente o contrário: são desterritorializações absolutas, pelo menos em princípio, que se afundam no mundo desértico investido por Kafka [...] Os animais de Kafka jamais remetem a uma mitologia, nem a arquétipos, mas correspondem apenas a gradientes ultrapassados, a zonas de intensidades liberadas onde os conteúdos se libertam de suas formas, não menos que as expressões, do significante que as formalizava. (Deleuze; Guattari, 1977, p. 33)

É importante aqui salientar, que na obra de Kafka, quando Deleuze e Guattari afirmaram uma literatura menor, ou seja, uma literatura marginal, não se trata de um juízo de valor, são diferentes instâncias, uma realizada com pré-definições e a outra sendo invencionista para além de qualquer princípio.

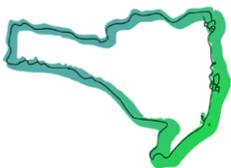
Em “Mil platôs, de 1980, Deleuze e Guattari (2020, p. 20) explicam: “Num devir-animal, estamos sempre lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com uma multiplicidade”. E, com isso, prosseguem apontando o fascínio que o ser humano tem com o animal, logo, seu fascínio também pela matilha, pela multiplicidade. Devir é movimento, transformação, é processo, é abertura. Na linguagem deleuzo-guattariana, é desterritorialização. E na perspectiva da desterritorialização, Deleuze afirma que “os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 10).

Também em Mil Platôs (2020) Deleuze e Guattari abordam sobre um conceito que se refere ao processo de desestabilização das estruturas rígidas e fixas do poder, da identidade e do território, assim, o território é uma construção social e discursiva que estabelece limites e organiza os fluxos de poder, é um processo constante e inevitável, pois o poder está sempre sendo desafiado, as identidades estão em constante movimento e o território é sempre sujeito a transformações.

A desterritorialização se materializa através de fluxos, conexões e rupturas que rompem com as estruturas pré-estabelecidas, possibilitando a emergência de novas formas de existência, de subjetividades e de resistência, não é necessariamente negativa, pois pode ser um elemento fundamental para a criação de novas possibilidades, abrindo espaços para a produção de novos territórios e modos de ser no mundo. É um processo que permite a emergência de diferenças, multiplicidades e potencialidades que podem desafiar e subverter as normas e estruturas dominantes.

O devir nos traz outro tempo, que não o da história. Sendo assim, o devir não é fazer como um modelo ou tornar-se outra coisa num tempo sucessivo. Com base em Deleuze e Parnet (1998), Walter Kohan (2005) sintetiza a definição de devir como “um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias” (Kohan, 2005). A partir disso, Kohan conclui que o devir é algo “sempre contemporâneo” (Kohan, 2005).

Na medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transformou também muda. Por isso, Deleuze e Parnet (1988, p. 10) afirmam que “os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra natureza. [...] Já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homem-animal etc.”



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Desse modo, nada é fixo ou absoluto, mas tudo está em constante fluxo e evolução. As coisas não têm essências imutáveis; em vez disso, elas existem como multiplicidades em constante mudança, em processo contínuo de se tornar outra coisa. “Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regressar-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. [...] ele não se reduz, ele não nos conduz a ‘parecer’, nem ‘ser’, nem ‘equivaler’, nem ‘produzir’” (Deleuze; Guattari, 2020, p. 20). Quando pensamos o campo da educação, este terreno foi por muito tempo dominado por visões teleológicas do mundo, por representações e práticas de formação humana calcadas em ideais de progresso e de evolução. A noção de devir quebra o jogo da imitação proposto na lógica verticalizada da sala de aula; não há ídolos e não há certezas a idolatrar. A escola pode, então, ser vivida como multiplicidade.

Desta forma buscamos algo parecido como um devir Deleuze da figura do educador, não entendendo que os educadores devam se tornar filósofos, ou que filósofos devam imitar os educadores. “Os devires são sempre fenômenos de produção, numa dupla captura e dupla movimentação: muda quem devém e muda também aquilo no que devém” (Kohan, 2002, p. 125).

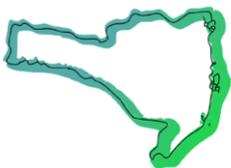
Todavia, há linhas que atravessam esses dois caminhos mudando as direções bem como quem por elas caminham. Há educadores que encontram o acontecimento deleuziano de pensar e não pensam como antes, já não educam como antes, já não são, como eram antes. Sendo então um importante papel dessa escrita: transformar o que pensamos, aqueles que educamos, quem somos, o que lemos e o mundo que construímos ou que buscamos compreender.

Deleuze também enfatiza a importância da autonomia e do pensamento crítico na educação. Ele argumenta que os alunos devem ser encorajados a questionar, a duvidar e a pensar por si próprios, em vez de simplesmente adotar informações e ideias já existentes. Para ele, a educação tradicional tende a moldar os alunos em conformidade com um modelo uniforme, negando a diversidade e a singularidade de cada pessoa. Quando pensamos em contraste com este modelo, percebe-se uma educação que valoriza a diferença, permitindo que cada aluno desenvolva seu próprio potencial criativo e singularidade. A educação não deve se limitar aos espaços formais da sala de aula, mas deve ser construída em todas as esferas da vida, sendo assim, o professor tem papel fundamental neste processo:

As vidas dos professores raramente são interessantes. Claro, há as viagens, mas os professores pagam suas viagens com palavras, experiências, colóquios, mesas-redondas, falar, sempre falar. Os intelectuais têm uma cultura formidável, eles têm opinião sobre tudo. Eu não sou um intelectual, porque não tenho cultura disponível, nenhuma reserva. O que sei, eu o sei apenas para as necessidades de um trabalho atual, e se volto ao tema vários anos depois, preciso reaprender tudo. É muito agradável não ter opinião nem ideia sobre tal ou qual assunto. Não sofremos de falta de comunicação, mas ao contrário, sofremos com todas as forças que nos obrigam a nos exprimir quando não temos grande coisa a dizer. Viajar é ir dizer alguma coisa em outro lugar, e voltar para dizer alguma coisa aqui. A menos que não se volte, que se permaneça por lá. Por isso sou pouco inclinado às viagens; é preciso não se mexer demais para não espantar os devires (Deleuze, 1992, p. 171-172)

Desta forma, Deleuze utiliza o conceito de devir para desafiar as noções tradicionais de essência, identidade e permanência. Ele propõe uma abordagem mais dinâmica e processual da realidade, que reconhece a multiplicidade e a transformação como características fundamentais da existência.

A filosofia de Deleuze e Guattari é caracterizada pela diferença, para eles, a diferença é uma característica fundamental do mundo e não pode ser reduzida a uma simples comparação entre duas coisas. Argumentam que a realidade é constituída por uma pluralidade de diferenças que são ativamente produzidas em um processo contínuo de diferenciação. Isso significa que não há uma essência ou natureza fixa para as coisas, mas sim uma constante mudança e evolução. A diferença é, portanto, um conceito central para entender essa filosofia.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Há as diferenciações que não nos damos conta que os autores chamam de diferenças de grau, e há aquelas que nos é perceptível, por ele chamada de diferenças de natureza. E quando essa diferença nos é perceptível ou de natureza, é que julgamos que estamos evoluindo ou aprendendo. Desta forma, a sucessão de repetições diferidas é que irão nos possibilitar a diferença, ou seja, a diferença de natureza.

Deleuze pensa a diferença juntamente da repetição, esse atravessamento possibilitou linhas fundamentais para a filosofia deleuziana, como exemplo as relações entre tempo e pensamento, em especial entre o passado e a constância das lembranças, o presente e as possibilidades, o futuro da criação. Para tanto, “a diferença não é uma dimensão intensiva do tempo, mas também um ponto de vista sobre as demais dimensões, criando uma múltipla implicação recíproca em todas as dimensões do tempo. Cada diferença é então todas as outras, a diferença constitui um certo ponto de vista sobre todas as diferenciações” (Vasconcellos, 2005, p. 150).

Entendendo que a repetição não é a repetição do mesmo, pois para o Deleuze, toda repetição é uma repetição diferida, ou seja, que guarda sempre uma diferença em si. Segundo ele, estamos nos diferenciando a todo tempo, ainda que não possamos nos perceber. Cada diferença é repetida de outro modo, em outro nível, dessa forma envolvendo iminentemente a distância entre as demais diferenciações. “A repetição da diferença é o próprio Ser. Um ser imanente e em permanente devir” (Vasconcellos, 2005, p. 151). Desta forma, as repetições são momentos experienciados pelo corpo em nossa excentricidade, e que acontecem mediante atravessamentos entre esses corpos, não somente entre corpos vivos, mas também entre corpos físicos.

A partir disso, entende-se que a cópia está na posição de que sempre deve ser combatida, pois desafia o modelo, o original. Na obra *Diferença e Repetição*, Deleuze argumenta que:

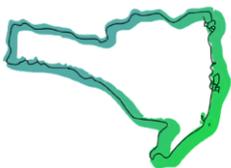
O primado da identidade, seja qual for a maneira pela qual esta é concebida, define o mundo da representação. O pensamento moderno nasce da falência da representação, assim como da perda das identidades, e da descoberta de todas as forças que agem sob a representação do idêntico [...] O mundo moderno é o dos simulacros. Nele, o homem não sobrevive a Deus, nem a identidade do sujeito, sobrevive a identidade da substância (Deleuze, 1988, p. 8).

Para Deleuze, o simulacro não faz cópia, não possui um modelo, é singularidade, diferente da identidade. Desta forma o simulacro corresponde à diferença em si, algo que vem antes da identidade, visto que, essa é uma invenção social ancorada em um modelo ligado a determinados códigos identitários que fazem dela decifrável e governável. Sendo assim, Deleuze argumenta que a única identidade que temos é a diferença pura, que é multiplicidade. “A diferença não é uma relação entre o um e o outro. Ela é simplesmente um devir-outro” (Silva, 2002, p. 66). A diferença pura é composta por forças não estáticas que ultrapassam os códigos semióticos já estabelecidos e se multiplicam por meio da repetição que institui a variação.

A repetição no eterno retorno aparece sob todos estes aspectos como a potência própria da diferença; e o deslocamento e o disfarce, do que se repete só faz reproduzir a divergência e do descentramento do diferente num só movimento, que é a diáspora como transporte (Deleuze, 1988, p. 281).

Contextualizando para a educação, Deleuze (2020) vale-se do exemplo do nadador, quando afirma que a aprendizagem acontece na busca de respostas gestuais a um conflito no atravessamento entre dois corpos, o nadador e a água. Tamanho retorno será dado de acordo com a singularidade de cada corpo, desta forma, alterando de corpo para corpo. Isto posto, entende-se o porquê “[...] é tão difícil dizer como alguém aprende” (Deleuze, 2020, p. 31).

Quando o corpo conjuga seus pontos notáveis com os da onda, ele estabelece o princípio de uma repetição, que não é a do mesmo, mas que compreende o Outro, que



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



compreende a diferença e que, de uma onda e de um gesto a outro, transporta essa diferença pelo espaço repetitivo assim constituído. Aprender é construir esse espaço do encontro com signos, espaço em que os pontos relevantes se retornam uns aos outros e em que a repetição se forma ao mesmo tempo em que se disfarça (Deleuze, 2020, p. 31).

Sendo assim, a aprendizagem não se dará pela reprodução do mesmo, quer dizer, uma representação da ação do professor de natação, nem se quer pela ideia, ou como diz Deleuze (2020, p. 31) “não há ideo-motricidade, mas somente sensório-motricidade”. Logo, a aprendizagem irá acontecer quando o corpo do nadador encosta na água. Quando o corpo une seus pontos importantes com os da água, ele define o começo da repetição, não sendo a do mesmo, e que percebe o outro, entendendo a diferença, entre uma onda e um gesto a outro, carrega essa diferença pelo espaço repetitivo neste momento criado.

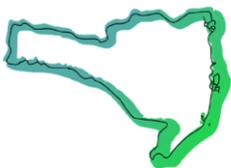
Deleuze chama também a Filosofia da Diferença de Empirismo Transcendental, onde os professores, por meio das experimentações, traçam no plano de imanência, a mobilidade perpétua do real. Plano, segundo ele, que é do mundo dos professores, e no qual o único ser-professor que pode ser referido é o do devir, ou seja, daquele sujeito que vive se proliferando. “Plano esse que é ocupado pelos professores em devir-simulacro e que extrai a força da sua imanência dos conceitos nietzschianos de vontade de potência e de eterno retorno; os quais não repetem o mesmo; mas, a cada repetição, produzem a diferença pura” (Corazza, 2013, p. 25).

A filosofia da diferença procura entender o mundo como uma multiplicidade de processos e eventos que estão sempre em fluxo, em constante movimento e transformação, é uma abordagem radicalmente nova para a filosofia, que rompe com a tradição platônica e aristotélica de buscar a essência das coisas e, em vez disso, se concentra nas características distintas e distintivas que as coisas possuem. Dessa forma, acaba com a dicotomia, não somente do sujeito e objeto, uno e múltiplo como também entre mesmo e outro. “As multiplicidades são a própria realidade e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco pouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades” (Deleuze; Guattari, 2020, p. 9).

Deleuze e Guattari nos instigam a pensar a diferença em si mesma, e não somente aceitá-la como diferença “com respeito a” qualquer coisa ou a diferença “em” qualquer coisa, mas sim, a diferença quanto a diferença, escrevendo de outra forma, enquanto potência, vitalidade e intensidade. Desta forma, somos chamados/as a pensar como um acontecimento, como aquilo que foi composto por um pensamento potente, singular. Para tal fim, necessitamos de linhas de fuga na imagem que já temos quando pensamos no que significa pensar.

Nesse sentido, Deleuze argumenta que a diferença é, em última instância, o princípio fundamental do universo, e que todo o mundo é constituído por relações de diferença. Ela não é uma simples oposição binária entre coisas opostas, não é simplesmente uma negação ou falta, mas uma força ativa e criativa, uma multiplicidade de forças que se combinam e se conectam de maneiras complexas e imprevisíveis. “Talvez o engano da filosofia da diferença, de Aristóteles a Hegel passando por Leibniz, tenha sido o de confundir o conceito da diferença com uma diferença simplesmente conceitual, contentando-se em inscrever a diferença no conceito em geral” (Deleuze, 2020, p. 48-49). Assim, as relações de diferença são fundamentais para compreendermos a complexidade do mundo e nos libertarmos das limitações impostas pelas estruturas e hierarquias rígidas.

Deleuze argumenta que a diferença é o cerne da realidade, permeando todos os aspectos da vida e da existência. Sendo assim, ele acredita que a diferença é o que torna o mundo heterogêneo e dinâmico, e que, é através dela que novas formas e ideias emergem. Uma de suas principais contribuições é a distinção que ele faz entre a diferença e a identidade, muito confundida, enquanto a identidade busca estabelecer uma mesma e estável essência para um objeto ou indivíduo, a diferença é constantemente mutante e fluida. Ela não se define pela negação ou oposição à identidade, mas sim pela sua capacidade de se multiplicar e se transformar.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Além disso, Deleuze e Guattari (2020) destacam a importância do afeto e do desejo no processo educativo. Argumentam que a educação tradicional tende a suprimir e controlar os desejos e afetos dos alunos, privilegiando a racionalidade e a conformidade. Em contraste, propõem uma educação que abrange o desejo e o afeto, pois acreditam que estas forças podem ser motivadores poderosos para a aprendizagem e o crescimento pessoal.

Desse modo, a filosofia de Deleuze e Guattari oferece uma crítica radical à educação tradicional e propõe formas alternativas de pensar a aprendizagem. Baseando-se em conceitos como pensamento rizomático, devir e afeto, eles defendem uma abordagem mais descentralizada, exploratória e criativa da educação. As suas ideias desafiam-nos a repensar o propósito e os métodos de educação e a criar ambientes de aprendizagem que capacitem os indivíduos a serem participantes nas suas próprias jornadas educativas.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário da maneira simples com força e sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o uno da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. Um tal sistema poderia ser chamado rizoma (Deleuze; Guattari, 2020, p. 14-15).

O rizoma se opõe ao pensamento arborescente, no qual se compõe um caminho progressivo, cujo espaço se limita a dois pontos. O rizoma não é feito de pontos, não tem um início nem um fim, suas linhas vão em todas as direções, estão sempre se conectando, dessa forma, o que importa é o meio, o entre, pois “[...] o rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’” (Deleuze; Guattari, 2020, p. 37, grifo dos autores).

O pensamento rizomático não separa e nem exclui, não opera por identidade ou representação, ele trabalha com a conjunção “e”, sempre somando, acrescentando. E isso é diferente de operar utilizando “ou”, porque esse pensamento extrapola a lógica formal e seus princípios. O rizoma é movimento, “[...] o movimento é que não é, que não é mais” (Deleuze, 1999, p. 127), é sempre diferença.

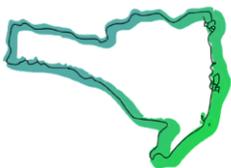
Desse modo, Deleuze e Guattari elaboraram um pensamento que fez da diferença seu ponto angular, é muito mais do que dizer, viva a diferença! É antes de tudo, pensar a diferença, ou, fazer uma filosofia da diferença. Revertendo o pensamento representacional, diferenciando-se para o seu pleno usufruto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Com o olhar de educador/a que somos, tentamos buscar para nossas pesquisas subsídios filosóficos que nos dê suporte teórico e caminhos possíveis para persistir em nossas questões. Mas também buscamos alternativas e novas possibilidades de pensar uma educação outra, com potencial afirmativo e perspectiva inclusiva, capaz de interrogar cotidianamente as práticas pedagógicas que insistem em invisibilizar, diluir e desvalorizar as diferenças.

Isto posto, entendemos que para se tornar esse educador, é necessário ser criador, ou seja, ser capaz de criar a si mesmo. Segundo Larrosa (2002), não é um autodescobrimento, mas sim, um direcionamento para o lado de uma lógica da diferença, uma vez que se trata de uma invenção de si mesmo. Sendo essa uma construção, uma invenção criada no decorrer do processo. Desse modo, torna-se o que se é como um vir-a-ser, contudo, um vir-a-ser como devir.

Em suma, a filosofia de Deleuze e Guattari traz uma abordagem inovadora e desafiadora para a concepção da diferença. Ao romper com a tradição essencialista, eles reconhecem a diferença como produtiva e criativa, em vez de vê-la como uma falta ou negatividade. Destacam a importância de se



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



pensar além das dicotomias tradicionais e busca entender a diferença não como uma oposição, mas como uma multiplicidade de elementos que coexistem e interagem constantemente. Eles enfatizam a necessidade de se abraçar a complexidade e a diversidade do mundo, e rejeitam qualquer forma de hierarquia.

Além disso, a filosofia da diferença nos convida a repensar nossa relação com o tempo e a história. Argumenta que a diferença não é algo que possa ser reduzido a uma linha cronológica linear, mas sim algo que está sempre em movimento e mudança contínua. A sua abordagem nos convida a questionar as noções que tendemos a ter sobre o mundo e a realidade, nos convidando a abraçar a complexidade e a multiplicidade.

Encontramos, portanto, um pensamento que não considera a diferença um problema, mas um ponto de partida para criar problematizações. Um pensamento que não busca por identidades entre o nome e a coisa, mas busca inventar possibilidades outras a cada vez. A partir disso, somos desafiados/as a buscar menos reprodução e mais cartografias, linhas, fugas, singularidades e devires. E o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari é uma porta aberta para este caminho.

Referências.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcreve em educação?** Porto Alegre: Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 171-172.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka, por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível... *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. v. 4. Tradução Suely Rolnik. 2. ed., 2. reimp. São Paulo: Editora 34, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

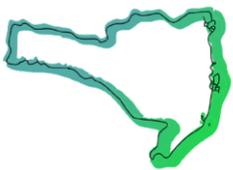
DOSSE, Franyois. **Gilles Deleuze e Felix Guattari: biografia cruzada**. Tradução Fatima Murad; revisão técnica Maria Carolina dos Santos Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KOHAN, Walter Omar. Entre Deleuze e a Educação: notas para uma política do pensamento. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, 2002.

KOHAN, Walter Omar. A infância da Educação: o conceito devir-criança. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005.

LARROSA, Jorge. A Libertação da Liberdade. Para Além do Sujeito. **Nietzsche & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 81-126, 2002.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 65-66, 2002.

VASCONCELLOS, Jorge. A ontologia do devir de Gilles Deleuze. **Kalagatos**, v. 2, n. 4, p. 137-167, 2005.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: [s. n.], 2004. Disponível em: <https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>. Acessado em: 30 maio 2023.

AGRADECIMENTOS:

O desenvolvimento deste trabalho surgiu da parceria entre duas mestrandas e seu orientador, docentes, com olhares voltados para uma educação que propõe o desafio, o risco, a fuga constante e a inovação crítica, o que foi possível com o financiamento do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina – UNIEDU e da FAPESC (Termo de Outorga: 2021TR001305). Obrigado pelo necessário incentivo à Pós-Graduação.